

1 a 15 de ABRIL de 2016As principais informações da
economia mundial, brasileira e baianaSuperintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Na primeira quinzena de abril de 2016, os principais destaques da conjuntura econômica do Brasil foram: desaceleração de índices de preços: IPCA; IGP-DI; INPC; queda da produção industrial; expectativa de crescimento da safra de grãos 2016; aumento das exportações no agronegócio; superávit na balança comercial; acréscimo das exportações baianas; aumento das vendas no varejo; queda do setor de serviços; crescimento da inadimplência; melhora do índice de confiança do comércio.

Na conjuntura internacional destacaram-se os seguintes acontecimentos econômicos na quinzena em apreço: FMI revisa para baixo taxa crescimento mundial; queda do varejo e crescimento do setor de serviços americano; queda do setor varejista na Área do Euro; crescimento do PIB chinês.

IPCA desacelerou em março

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), divulgado pelo IBGE, apresentou queda significativa em março, variando 0,43%, menos da metade do índice apresentado em fevereiro (0,90%). Desde 2012, com o IPCA de 0,21%, não havia registro de resultado mais baixo nos meses de março. Considerando o primeiro trimestre do ano, o índice situa-se em 2,62%, percentual inferior aos 3,83% registrados em igual período de 2015. Na ótica dos últimos doze meses, a taxa desceu para 9,39%, abaixo dos 10,36% relativos aos doze meses imediatamente anteriores. Em março de 2015, o IPCA havia ficado em 1,32%, a maior taxa desde fevereiro de 2003 (1,57%). Alimentação e Bebidas, grupo com peso de 25,52%, o maior no orçamento das famílias, apresentou variação de 1,24% e dominou o IPCA do mês, com impacto de 0,32 p.p., respondendo por 74% do índice. Em relação aos índices regionais, o maior foi o da região metropolitana de Fortaleza, com 0,72%, já o menor índice foi o da

região metropolitana de Salvador, que ficou em -0,14% em razão, principalmente, da queda de 8,55% no item energia elétrica, além do preço do litro da gasolina, que ficou 2,41% mais barato (IBGE, 08/04/2015).

Desaceleração do IGP-DI em março

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) variou 0,43%, em março, recuando em relação a fevereiro (0,79%). Na comparação com o mesmo período do ano passado, a variação do IGP-DI foi de 1,21%. A taxa acumulada em 2016, até março, é de 2,78%. Em 12 meses, o IGP-DI acumulou alta de 11,07%. O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) registrou, em março, variação de 0,37%. Em fevereiro, a taxa foi de 0,84%. O índice relativo a Bens Finais apresentou variação de 1,34%. No mês anterior, a taxa de variação foi de 1,46%. O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) registrou variação de 0,50%, em março, ante 0,76%, no mês anterior. O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) registrou, em março, taxa de variação de 0,64%, acima do resultado do mês anterior, de 0,54% (FGV, 07/04/2016).

INPC desacelerou em março

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) subiu 0,44% em março, segundo o IBGE, depois de avanço de 0,95% no mês anterior. É o resultado mais baixo para março desde 2012, quando a inflação foi de 0,18%. No terceiro mês de 2015, o INPC teve elevação de 1,51%. O índice acumula alta de 2,93% no primeiro trimestre, inferior aos 4,21% do mesmo período de 2015. Em 12 meses, o INPC avançou 9,91%, inferior aos 11,08% registrados nos 12 meses imediatamente anteriores. Os produtos alimentícios aumentaram 1,12%, em março, vindo de uma alta de 1,19% em fevereiro. O agrupamento dos não alimentícios teve variação positiva de 0,14%, em março, abaixo da taxa de 0,84% do mês anterior (VALOR, 08/04/2016).

Monitor do PIB da FGV mantém queda do PIB

A atividade econômica acumula retração de 4,1% nos 12 meses encerrados em fevereiro, mesmo resultado apresentado em janeiro, de acordo com os dados do Monitor do PIB, divulgados pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Nesse tipo de comparação, o indicador está negativo há 14 meses consecutivos. Sob a ótica da demanda, o pior resultado foi o da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), com recuo de 15,0%. Já o Consumo das Famílias diminuiu 4,3% nos 12 meses encerrados em fevereiro. Quanto às exportações, a taxa acumulada em 12 meses até fevereiro cresce 9,0%. No caso das importações, a taxa acumulada em

12 meses até fevereiro recua 16,0%. Em relação a fevereiro do ano passado, a taxa mensal do Monitor do PIB, de -3,7%, ficou menos negativa que a de janeiro (-6,2%). No entanto, entre as 12 atividades que compõem o PIB, apenas eletricidade (+3,7%), intermediação financeira (+0,5%) e serviços imobiliários (+0,4%) registraram avanço contra igual mês do ano anterior. As perdas mais agudas foram da indústria de transformação (-10,1%), comércio (-8,6%) e serviços de informação (-6,8%) (EXAME, 15/04/2016).

Queda da produção industrial

A produção industrial do Brasil recuou 2,5% em fevereiro, após avançar 0,4% no mês anterior, na série livre de influências sazonais. Quando comparado com o mesmo período do ano anterior, a indústria nacional apontou baixa de 9,8%. Esta foi a 24ª taxa negativa neste tipo de comparação, consecutiva. Nos primeiros dois meses de 2016, o setor industrial reduziu 11,8%, e nos últimos 12 meses caiu 9,0%, em fevereiro. Dos 24 ramos pesquisados neste mês, 13 apresentaram queda, destaque para veículos automotores, reboques e carrocerias (9,7%), principal influência negativa. Outros destaques foram: máquinas e equipamentos (-6,7%), produtos alimentícios (-1,7%) e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-8,2%). Na Bahia, a produção industrial cresceu 11,0% em relação a fevereiro de 2015, acumulando no primeiro bimestre 10,6% e em 12 meses queda de 2,9% (IBGE, 01/04/2016).

Estimativa de safra de grãos maior que a de 2015.

A terceira estimativa de 2016 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas (algodão herbáceo, amendoim, arroz, feijão, mamona, milho, soja, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo, trigo e triticale) totalizou 210,0 milhões de toneladas, 0,2% superior à obtida em 2015 (209,5 milhões de toneladas), segundo o IBGE. A estimativa da área a ser colhida (58,4 milhões de hectares) apresentou acréscimo de 1,1% frente à área colhida em 2015 (57,7 milhões de hectares). Em comparação a estimativa de fevereiro, a produção variou negativamente 0,6% e a área decresceu 18.742 hectares. O arroz, o milho e a soja são os três principais produtos deste grupo, que, somados, representaram 93,0% da estimativa da produção e responderam por 86,9% da área a ser colhida. Em relação ao ano anterior, houve acréscimo de 3,1% na área da soja e de 0,4% na área do milho; na área de arroz houve redução de 7,9%. No que se refere à produção, houve aumento de 3,2% para a soja e reduções de 7,8% para o arroz e de 2,2% para o milho. A Bahia representou 4,0% na participação da produção de março, no Nordeste (8,1%) (IBGE, 07/04/2016).

Crescimento das exportações do agronegócio

As exportações do agronegócio brasileiro foram de US\$ 8,35 bilhões em março de 2016, com crescimento de 5,9% em relação a março de 2015. A cifra é recorde da série histórica para os meses de março. O maior valor exportado para o mês havia ocorrido em março de 2004, quando as exportações atingiram US\$ 7,97 bilhões. Os dados são da balança comercial do agronegócio divulgada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. As exportações do agronegócio em março responderam por 52,2% das vendas externas do Brasil. No mesmo período de 2015, o percentual foi de 46,4%. Enquanto as exportações aumentaram, as importações diminuíram de US\$ 1,41 bilhão em março de 2015 para US\$ 1,16 bilhão em março de 2016. O complexo de soja foi o principal setor exportador em março. As vendas externas da soja em grãos foram de US\$ 2,92 bilhões, com expansão de 32% em relação a março de 2015. Houve aumento de 42,9% em março de 2015 para 47,5% em março de 2016 da participação da Ásia nas exportações brasileiras do agronegócio. A balança comercial do agronegócio mostra que o Oriente Médio expandiu as aquisições de produtos do agronegócio brasileiro em 46,3% entre março de 2015 e março de 2016, vindo a ocupar a terceira posição entre os blocos ou regiões geográficas para as quais o Brasil exporta. Entre janeiro e março de 2016, as exportações do agronegócio atingiram US\$ 20,03 bilhões, com crescimento de 8,7% em relação aos US\$ 18,43 bilhões exportados no mesmo período do ano anterior (EXAME, 08/04/2016).

Balança comercial tem melhor saldo para o mês de março da série histórica

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 4,435 bilhões em março de 2016, melhor resultado para meses de março de toda a série histórica iniciada em 1989. Com esse resultado, a balança acumula saldo positivo de US\$ 8,398 bilhões no ano, revertendo o déficit de US\$ 5,549 bilhões registrado no primeiro trimestre de 2015. No mês passado, as exportações totalizaram US\$ 15,994 bilhões e as importações US\$ 11,559 bilhões e a corrente de comércio foi de US\$ 27,553 bilhões. Os dados foram divulgados em coletiva de imprensa, realizada na sede da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). No acumulado do primeiro trimestre de 2016, as exportações somaram US\$ 40,585 bilhões e as importações US\$ 32,186 bilhões, valores 5,1% e 33,4% menores, respectivamente, que os registrados no mesmo período do ano passado (pela média diária). A corrente de comércio totalizou US\$ 72,771 bilhões, uma queda de 20,1% sobre o mesmo período de 2015 (US\$ 91,100 bilhões), pela média diária. No primeiro trimestre, a balança comercial acumula um superávit de US\$ 8,398 bilhões, revertendo o déficit registrado em igual período de 2015 (US\$ 5,549 bilhões) (MDIC, 01/04/2016).

Exportações baianas crescem pelo segundo mês consecutivo

As exportações baianas cresceram 1,14% em março, alcançando US\$ 571,9 milhões. Na comparação anual, é o segundo mês consecutivo de crescimento das vendas externas do estado. Já as importações, influenciadas pela queda do nível de atividade e pelo câmbio, registraram forte queda de 55,0% no mês, atingindo US\$ 433,8 milhões. As informações foram apuradas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. No primeiro trimestre, as exportações baianas ainda acusam queda de 4,0% em relação ao mesmo período do ano passado, atingindo US\$ 1,56 bilhão. Já o volume embarcado cresceu 5,7%, impulsionado pela desvalorização cambial, que tornou mais competitiva a exportação de produtos industrializados, fazendo melhorar as vendas para os EUA, Argentina e América Latina. As importações estão 51,3% menores no primeiro trimestre em relação ao trimestre de 2015, totalizando US\$ 1,29 bilhão. O fraco desempenho das compras externas do estado é motivado, sobretudo, pela redução do preço do petróleo no mercado internacional e da forte contração da produção industrial nos setores automotivo, extração mineral, material plástico e alimentício, responsável pela redução de 40,5% nas compras de insumos e matérias primas (SEI, 08/04/2016).

Aumento das vendas no varejo brasileiro

O comércio varejista nacional registrou aumento de 1,2%, na série livre de influências sazonais, segundo o IBGE, para o volume de vendas em fevereiro de 2016. Já a receita nominal teve acréscimo de 1,3%. Essa taxa do volume foi a mais alta desde julho de 2013, quando apresentou taxa de 3,0%. Na série sem ajuste sazonal, em relação a fevereiro de 2015, o volume de vendas do varejo recuou 4,2%, décima primeira taxa negativa seguida nessa comparação, embora menos acentuada do que a observada em janeiro (-10,3%). No ano, o varejo acumulou redução (-7,6%) e nos últimos doze meses (- 5,3%), a taxa foi idêntica à do mês anterior. O volume de vendas do comércio varejista ampliado (varejo e mais as atividades de Veículos, motos, partes e peças e de Material de construção) cresceu 1,8% sobre o mês imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal, enquanto a receita nominal de vendas subiu 2,9%. Já em relação a fevereiro de 2015, as variações foram -5,6% para o volume de vendas e 3,3% para receita nominal. Nas taxas acumuladas, as variações do volume de vendas foram -10,1% no ano e -9,1% nos últimos 12 meses, e para a receita nominal, de -1,3% e -1,8%, respectivamente. Das atividades pesquisadas, quatro das oito apresentaram avanços, com destaque para Móveis e eletrodomésticos (5,0%) e Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (0,8%). Na Bahia, o comércio varejista registrou queda de 9,5%, acumulando no ano -11,7% e no acumulado dos últimos 12 meses taxa negativa de 9,0% (IBGE, 12/04/2016).

Queda do setor de serviços

O setor de serviços registrou queda de 4,0% no volume de serviços em fevereiro, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Em relação a janeiro, a taxa foi de 5,0% mesma taxa apresentada em dezembro de 2015. Observam-se variações negativas em todos os segmentos: Serviços prestados às famílias (-1,4%); Serviços de informação e comunicação (-5,3%); Serviços profissionais, administrativos e complementares (-4,3%), Transportes, serviços auxiliares dos transportes e correio (-2,0%) e Outros serviços (-6,1%). A taxa acumulada no ano ficou em -4,5% e, em 12 meses, -3,7%. O agregado especial das Atividades turísticas registrou crescimento pelo segundo mês seguido, isto é, 1,3%, em fevereiro e 0,5%, em janeiro, contra queda de 1,6%, em dezembro. A receita nominal registrou crescimento de 1,9%, em fevereiro, em relação a fevereiro de 2015, após queda de 0,1% em janeiro e crescimento de 0,3% em dezembro. Já no estado da Bahia, o volume de serviços no mês de fevereiro, apresentou recuo na comparação mensal, no primeiro bimestre e no acumulado dos últimos 12 meses de 7,7%, 8,0% e 7,1%, respectivamente (IBGE, 13/04/2016).

Inadimplência cresceu no Brasil

O número de brasileiros inadimplentes chegou a 60 milhões em março, ante 57,9 milhões em dezembro, passando a representar 41% da população com mais de 18 anos do Brasil, segundo a Serasa Experian. O número de inadimplentes atingiu a maior marca desde o início das medições em 2012, enquanto o valor das dívidas em atraso chegou a 256 bilhões de reais, de acordo com a empresa de análise de dados de crédito. Do total, 77,2% dos brasileiros inadimplentes ganham até dois salários mínimos. A inadimplência tende a crescer mais nos primeiros três meses do ano por conta da concentração de despesas e gastos nesse período, mas os números surpreenderam, pois, em apenas um trimestre, houve adição de mais de dois milhões de novos nomes à lista (REUTERS, 13/04/2015).

Melhora do Índice de Confiança do Comércio

O Índice de Confiança do Comércio (Icec) registrou alta de 1,1% em março deste ano, em comparação a fevereiro, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Na comparação com março de 2015, a queda da confiança do setor chegou a 13,9%. Segundo a pesquisa, 92,9% dos varejistas disseram que a economia piorou em março de 2016. Em fevereiro, esse percentual foi de 93,3% e, em janeiro, 94,4%. A CNC estima que o volume das vendas do comércio em 2016 recue 4,2% no varejo restrito e 8,4% no varejo ampliado, que inclui os setores de automóveis e materiais de construção (EXAME, 06/04/2016).

ECONOMIA INTERNACIONAL

FMI revisa para baixo taxa de crescimento global

O Fundo Monetário Internacional (FMI) voltou a revisar para baixo sua previsão de crescimento global, até 3,2% neste ano (dois décimos a menos) e até 3,5% em 2017 (um décimo a menos), pela “perda de impulso nas economias avançadas e um novo episódio de volatilidade financeira”. Em seu relatório “Perspectivas Econômicas Globais”, divulgado ao início da reunião de primavera deste organismo e do Banco Mundial (BM), o Fundo aponta que, embora a recuperação mundial continue, “é feita ainda a um ritmo mais lento e frágil”. O FMI rebaixou as previsões de crescimento dos EUA, a primeira economia mundial, até uma taxa de 2,4% em 2016 e de 2,5% em 2017, dois décimos a menos no primeiro caso e um décimo no segundo. Esses menores crescimentos com relação aos calculados em janeiro são respostas “ao ajuste das condições financeiras”, diz o documento. Além disso, a zona do euro vê reduzir na mesma medida seu crescimento esperado do PIB para este ano, que agora está em 1,5% e para o ano que vem, 1,6%, enquanto que o Japão deve crescer apenas 0,5%, e voltará à recessão em 2017, com uma queda de 0,1%. A isto se acrescenta o contínuo empecilho para o panorama global que representam as contrações econômicas no Brasil e Rússia – ambos países entraram no ano passado em recessão –, que serão de 3,8% e de 1,8%, respectivamente, ou seja, três e oito décimos maiores do que o calculado em janeiro, quando o FMI publicou suas anteriores estimativas. No plano positivo, o Fundo situa a China, cujas dúvidas provocaram recentes episódios de volatilidade financeira, e que finalmente crescerá algo mais do que o esperado, 6,5% este ano e 6,2% no próximo – em ambos casos dois décimos a mais que o previsto anteriormente –, graças “à resistência da demanda doméstica” (*EXAME*, 11/04/2016).

Redução nas vendas do varejo norte-americano

As vendas do varejo norte-americano caíram 0,3% na passagem de fevereiro para março, de acordo com os dados divulgados Departamento do Comércio dos EUA. O número frustrou a mediana das expectativas do mercado, que projetava estabilidade na margem. A queda refletiu, em grande medida, a retração de 2,1% do segmento de veículos, motos e peças. No mesmo sentido, vestuário apresentou recuo de 0,9%. Em contrapartida, materiais de construção e produtos farmacêuticos cresceram 1,4% e 1,0%, respectivamente. Na comparação interanual, a atividade varejista subiu 1,7% (*ECONOMIA EM DIA*, 14/04/2016)

Alta nos indicadores do setor de serviços norte-americano

O índice ISM do setor de serviços cresceu de 53,4 para 54,5 pontos entre fevereiro e março, conforme divulgado. O resultado, que manteve a trajetória altista dos últimos meses, refletiu o desempenho positivo generalizado dos seus componentes, com destaque para a elevação da atividade do setor e do número de novos pedidos. No mesmo sentido, o índice PMI Markit de serviços, também divulgado, atingiu 51,3 pontos no mês passado, acima dos 49,7 pontos observados em fevereiro. Com isso, o indicador PMI composto atingiu 51,3 pontos no período, 1,3 ponto superior ao verificado no mês anterior. Dessa forma, os resultados sugerem um crescimento anualizado de 0,7% do PIB norte-americano no primeiro trimestre (*ECONOMIA EM DIA*, 06/04/2016).

Atividade varejista da Área do Euro apresentou a quarta queda em cinco meses

O índice PMI do varejo na Área do Euro recuou de 50,1 para 49,2 pontos entre fevereiro e março. Essa foi a quarta leitura abaixo do nível neutro de 50 pontos em cinco meses, reforçando a fraqueza do setor neste início de ano. Entre os países pesquisados, o forte desempenho da Alemanha, onde o indicador alcançou o maior nível em sete meses, não foi suficiente para compensar a piora exibida pela França e Itália, que se mantiveram abaixo de 50 pontos. De modo geral, portanto, o resultado agregado reforça a percepção de acomodação do crescimento europeu no primeiro trimestre em torno de 0,3% (*ECONOMIA EM DIA*, 06/04/2016).

PIB da China cresce no 1º trimestre

A economia da China cresceu 6,7% no primeiro trimestre na comparação com o ano anterior, em linha com as expectativas e fornecendo mais evidências de que a desaceleração da segunda maior economia do mundo pode ter atingido o fundo do poço. A expansão da produção industrial acelerou para 6,8% em março na comparação anual. Já o crescimento das vendas no varejo em março sobre o mesmo período do ano anterior acelerou para 10,5% (*EXAME*, 15/04/2016).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgado em 15 de abril, a mediana das projeções do IPCA para 2016 caiu de 7,31% para 7,08%. Para 2017, a

previsão caiu de 6,00% para 5,93%. Em relação ao comportamento do PIB no ano corrente, o mercado financeiro passou a previsão de -3,66% para -3,80%. Em 2017, a estimativa de crescimento caiu de 0,35% para 0,20%. As expectativas do mercado, para a primeira quinzena de abril de 2016, podem ser visualizadas nos dados do Relatório Focus, em parte, apresentadas na tabela a seguir.

Relatório Focus – Expectativas de Mercado

Expectativas do mercado						
Mediana – agregado	2016			2017		
	24 mar.	15 abr.	Comportamento	24 mar.	15 abr.	Comportamento
IPCA (%)	7,31	7,08	▼	6,00	5,93	▼
IGP-M (%)	7,68	7,43	▼	5,50	5,59	▲
Taxa de câmbio – média do período (R\$/US\$)	3,99	3,72	▼	4,17	4,02	▼
Meta Taxa Selic – fim do período (% a.a.)	14,25	13,38	▼	12,50	12,25	▼
PIB (% do crescimento)	-3,66	-3,80	▼	0,35	0,20	▼
Produção Industrial (% do crescimento)	-4,40	-5,80	▼	0,85	0,69	▼
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-20,45	-20,00	▲	-18,20	-18,00	▲
Balança Comercial (US\$ bilhões)	43,53	45,51	▲	47,50	50,00	▲
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	55,00	55,00	=	55,25	55,00	▼

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 15/4/2015.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
João Leão

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
Eliana Maria Santos Boaventura

DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS
Gustavo Casseb Pessoti

COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
Luiz Mário Ribeiro Vieira

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento
Jorge Tadeu Dantas Caffé
Caroline Crisostomo dos Santos (Estagiária)

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES
Augusto Cezar Pereira Orrico

EDITORIA-GERAL
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Aline Cruz

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORIAÇÃO
Ludmila Nagamatsu

